



Vereadores oficializam apoio à greve da Esalq

Moção foi aprovada na sessão de ontem por unanimidade; paralisação chega ao 29º

Felipe Ferreira

felipeferreira@jpjornal.com.br

Vereadores aprovaram na sessão de ontem na Câmara uma Moção de Apoio à greve dos professores da Esalq (Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz). O documento, de autoria do vereador José Antonio Fernandes Paiva (PT), foi aprovado por unanimidade dos presentes em plenário. A paralisação dos professores e funcionários da universidade chega hoje ao 29º dia.

Na sessão, o vereador Laércio Trevisan Júnior (PR) declarou apoiar a iniciativa. “Zero percento de aumento é inaceitável”, disse. Paulo Kageyama, professor titular do Departamento de Engenharia Florestal da Esalq, considerou importante o apoio dos vereadores

à greve. “A partir de agora temos nossa luta reconhecida e apoiada pelo poder Legislativo, dessa forma nosso movimento ganha ainda mais força. Precisamos que a população de Piracicaba entenda que não estamos fazendo esta greve simplesmente por melhorias salariais. Reivindicamos uma mudança radical na forma como a reitoria administra a USP”.

Alunos da universidade também declararam apoio à greve quando, no começo do mês, realizaram um ato em frente ao portão principal da Esalq manifestando estarem de acordo com as reivindicações do corpo docente.

A paralisação de professores e funcionários em Piracicaba envolve aproximadamente 500 dos 1.100 funcionários da instituição.

ESTOPIM — A greve foi deflagrada no dia 28 de maio, após o Cruesp (Conselho de Reitores das Universidades Estaduais de São Paulo) anunciar o congelamento dos salários de profes-

res e servidores. A justificativa foi o peso com a folha de pagamento, que representa na USP 105% dos recursos, na Unicamp 97,3% e na Unesp 95,4%. Presidente da Adusp (Associação dos Docentes da USP), Ciro Correia explicou que as reivindicações dos professores não se resumem unicamente à questão salarial. “O sindicato quer mais transparência nas decisões tomadas pelo Conselho. Falta de democracia não pega bem para uma universidade.”

Ony Rodrigues de Campos, diretor-estadual do Sintusp (Sindicato dos Trabalhadores da USP), disse que as negociações estão emperradas por dificuldades impostas pela reitoria da USP. “A reitoria tem se mostrado irredutível e intransigente. Para piorar, essa postura tem influenciado negativamente os reitores da Unesp e Unicamp, que já mostraram disposição para negociar, mas não puderam prosseguir.” (Colaborou Lilian Geraldini)